

Esclarecimento: da filosofia Kantiana à Teoria Crítica da Sociedade¹

Tarcízio MACEDO²

Sérgio do Espírito Santo FERREIRA JÚNIOR³

Jobson Murilo Barbosa MARINHO⁴

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o *modus operandi* da produção audiovisual intitulada “Esclarecimento”⁵ com discussões importantes para o campo da Comunicação ao analisar por meio da Teoria Crítica da Sociedade elementos providos da filosofia kantiana, sobretudo o uso da Razão Emancipatória, o processo de transformação da Razão em instrumento a serviço do capitalismo, a produção da Indústria Cultural e os impactos que essa instrumentalização provocaram no homem. O vídeo foi produzido em formato de revista eletrônica, possui uma linguagem acessível com fins de divulgação científica. É constituído por quatro matérias, à maneira de *videotape*, com imagens e vídeos alusivos aos conceitos-chave da Teoria Crítica. Há também uma entrevista exclusiva com um professor Doutor sobre as perspectivas de emancipação ou não do indivíduo, proposto pela teoria.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Esclarecimento. Teoria Crítica. Escola de Frankfurt. Filosofia Kantiana.

Abstract

This paper aims to present the *modus operandi* of audiovisual production entitled “Esclarecimento” important discussions to the field of communication to analyze by the Society Critical Theory stemmed elements of Kantian philosophy, especially the use of Emancipation Reason, the process of transformation of instrument because the service of capitalism, the production of Cultural Industry and the impacts that this instrumentalization caused in man. The video was produced in electronic magazine

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2013.

² Graduando em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: tarcizio.macedo@bol.com.br

³ Graduando em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: esferreira.sergio@gmail.com

⁴ Graduando em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: jobsonmurilo@hotmail.com

⁵ O vídeo pode ser acessado no link <http://goo.gl/aofxw1>.

format, an accessible language with scientific disclosure purposes. It consists of four subjects in the manner of videotape with images and videos depicting the key concepts of Critical Theory. There is also an exclusive interview with a professor doctor about the perspectives of emancipation or not the individual, proposed by the theory.

Keywords: Science Communication. Esclarecimento. Critical Theory. Frankfurt School. Kantian Philosophy.

Introdução

A Teoria Crítica, elaborada pela Escola de Frankfurt, a partir da década de 1930, aponta o processo de dominação capitalista que se dá pela técnica e pela mercantilização de formas culturais, tendo como consequência o conformismo e alienação do homem, que não consegue agir sobre a sua realidade com plena consciência e eficaz uso de sua razão.

Para tanto, importantes aquisições filosóficas serão imprescindíveis para o desenvolvimento das análises da Escola de Frankfurt (PUCCI, 1994, p. 16, 17). As principais dizem respeito ao idealismo alemão e ao materialismo alemão (HORKHEIMER, 1975, p. 164). No que tange ao idealismo, serão retomados algumas noções da produção intelectual da *intelligentsia* alemã, em cujo pensamento teve decisiva influência a filosofia iluminista do século XVIII.

Dentre os conceitos encontrados na Teoria Crítica, devem-se ressaltar os do filósofo Immanuel Kant, cujos postulados exercem papel de destaque em textos de Theodor Adorno e Max Horkheimer. O principal desses conceitos é o *Aufklärung*, com a melhor tradução sendo Esclarecimento. O Esclarecimento vai representar um dos aspectos centrais dessa teoria, sobre o qual as demais análises vão se basear. É preciso, contudo, entender antes o que tal conceito representa. Kant afirma, em sua obra, Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (2005):

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem

de fazer uso do teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*]. (2005, p. 63, 64).

Essa menoridade, que consiste em um estado infantil do homem, em que não há ímpeto e ação que visem à utilização consciente e plena da razão, torna-se para esse próprio homem uma segunda natureza, cujo rompimento do vínculo é custoso (KANT, 2005, p. 64).

É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz às vezes do meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um método que por mim decide a respeito da minha dieta, etc., então não preciso de esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis. (KANT, 2005, p. 64)

E os próprios teóricos Adorno e Horkheimer vão problematizar a situação desse homem que não age por meio de uma maioria plena. Mas as causas para tudo isso, que culminam com a chamada “Crise da Razão” são: a separação das dimensões emancipatória e instrumental da razão – um processo já identificado por Kant (PUCCI, 1994, p. 23); e o desenvolvimento do capitalismo monopolista, no qual a dimensão instrumental da razão prevalece, como ferramenta de produção intelectual e econômica, pela via da técnica, resultando em dominação em uma sociedade com pensamentos e ações planejados (PUCCI, 1994, p. 23).

Essa planificação vai representar, dentro da análise da Teoria Crítica, um regresso, pois o pensamento e a experiência ficam resignados à dominação e empobrecem-se, por meio da separação desses dois domínios da razão (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 47). A propósito dessa ocorrência, afirmam estes estudiosos:

A adaptação ao poder do progresso envolve o progresso do poder, levando sempre de novo àquelas formações recessivas que mostram que não é o malogro do progresso, mas exatamente ao progresso bem-sucedido que é o culpado de seu próprio oposto. A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 46)

Como os teóricos da Escola de Frankfurt referem-se em seus estudos também ao âmbito da cultura, eles vão identificar como um dos responsáveis pela manutenção do processo descrito acima, Indústria Cultural – que se refere a um sistema intrinsecamente

integrado (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113) de produção cultural assentado no consumo e que tem grandes impactos no pensamento dos indivíduos, pois “fixa de maneira exemplar a derrocada da cultura, sua queda na mercadoria” (MATTELART; MATTELART, 2011, p. 78).

Dessa forma, as obras de cultura, que, segundo Freitag (1990, p. 70), dizem respeito a sistemas filosóficos, obras de arte e literárias, perdem o seu estatuto e são suplantadas por formas mercantilizadas de difusão maciça, e viram bens de consumo. A esse respeito, Adorno afirma que há mudanças significativas nas formas culturais.

As obras que sucumbem ao fetichismo e se transformam em bens da cultura, sofrem, mediante este processo, alterações constitutivas. Tornam-se depravadas. O consumo, destituído de relação, faz com que se corrompam. [...] O processo de coisificação atinge sua própria estrutura interna. (1975, p. 183)

E, mesmo quando essas formas da cultura são absorvidas pela Indústria Cultural, isso não representa a sua assimilação fiel e completa, levando-se em conta todo o seu potencial emancipatório. Ao contrário, vão de encontro ao propósito do Iluminismo, fazendo com que a cultura sirva ao interesse econômico, político e ideológico do capitalismo.

A dissolução da obra de arte não ocorreu porque o sistema de produção de mercadorias a havia suprimido e sim porque ela foi transformada em mercadoria (Adorno, Horkheimer), assimilando-a à produção de bens. Em consequência, a aparente reconciliação da cultura com a civilização foi uma falsa conciliação, que traiu o ideal de felicidade, humanidade e justiça contido na esfera cultural (FREITAG, 1990, p. 71)

Frente ao exposto, pode dizer-se que este trabalho, que apresenta o modus operandi do vídeo “Esclarecimento”, traz discussões importantes para o campo da Comunicação ao analisar na Teoria Crítica elementos provindos da filosofia kantiana, sobretudo o uso da razão emancipatória, o processo de transformação da razão em instrumento a serviço do capitalismo, a produção da Indústria Cultural e os impactos que essa instrumentalização da razão e da cultura tiveram no homem e das possibilidades de emancipação na sociedade.

Uma vez que a temática a ser abordada exige minuciosa explanação, julgou-se por meio do vídeo expor os assuntos à maneira de matérias televisivas. Resolveu-se,

então, fazer uma revista eletrônica, que é um formato de maior liberdade quanto à inserção de temas e realização de abordagens, pois comporta tanto conteúdos de caráter mais sério, até de teor mais leve ou jocoso.

Deste modo, o produto cujo nome atribuído foi Esclarecimento, em virtude de a análise do trabalho partir dos princípios da filosofia kantiana, presentes na Teoria Crítica, em especial do *Aufklärung*, aborda relevantes postulados do pensamento dos teóricos da Escola de Frankfurt, de um modo leve, mas substancial; utilizando de uma linguagem facilmente inteligível, sem prescindir da integralidade dos principais aspectos na exposição desses pressupostos.

O vídeo assume caráter de divulgação científica que se realiza por meio de processo de “transcodificação” do conhecimento, pondo-o em termos inteligíveis não somente ao estrato dos que têm familiaridade com as especificidades do tema, mas a outros, de modo que haja uma maior interação. Esse processo é representado por Santos (2010, p. 89, 90), no que ele chama de “dupla-ruptura epistemológica”. Desse modo, o conhecimento sai do senso comum e vai para o âmbito científico, desenvolvendo-se e aprofundando-se nele, para depois retornar à sociedade, como um saber que cumpre além do seu papel de produto científico, mas que torna possíveis associações e usos, pois:

Na ciência pós-moderna o salto mais importante é o que é dado do conhecimento científico para o conhecimento do senso comum. O conhecimento científico pós-moderno só se realiza enquanto tal na medida em que se converte em senso comum. Só assim será uma ciência clara que cumpre a sentença de Wittgenstein, “tudo o que se deixa dizer deixa-se dizer claramente”. (SANTOS, 2010, p. 90-91).

Conforme Macedo (*et all*, 2014, p. 10), o dever da divulgação científica é o de “sensocomunizar” a ciência, promovendo a popularização do conhecimento científico para traduzi-lo em um saber prático, inteligível a qualquer pessoal, indiferente de sua classe social ou nível de escolaridade, pois, conforme Souza, “todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum” (1987, p. 55), ao passo que todo conhecimento científico-natural também é científico-social, convertendo-se em um benefício social compartilhado com a sociedade.

Outro aspecto diz respeito à tecnologia, sobre a qual os teóricos de Frankfurt vão tecer críticas, já que a técnica acabaria por suplantando o pensamento crítico: “A Indústria

cultural desenvolveu-se com o predomínio que o efeito, a *performance* tangível e o detalhe técnico alcançaram sobre a obra, que outrora era o veículo da Ideia e com essa foi liquidada” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 p. 118). O programa, contudo, lança mão do recurso tecnológico como modo de destacar o potencial reflexivo dos elementos da Teoria Crítica que serão apresentados: a técnica aliada ao processo inverso que ela mesma implica.

Ao serem apresentados os assuntos no programa “Esclarecimento”, optou-se fazer uma explanação mais lenta, no qual se discorre com mais eficácia, em contraposição à produção de cultura e conhecimento *fast-food* da Indústria Cultural, na qual:

[...] em lugar de *difusão cultural*, passa a haver mera *vulgarização de informações*. Em outras palavras, as obras de pensamento deixam de ser instigadoras de conhecimento, para se reduzir à divulgação rápida e simples de ideias cuja complexidade e importância ficam perdidas. (CHAUI, 2012, p. 362).

No processo de elaboração/construção do vídeo, levaram-se em conta a contribuição Frankfurtiana para elucidar os processos que julga necessários para a emancipação do homem, visando sua autonomia, conforme afirma Horkheimer:

A teoria crítica, ao contrário, na formação de suas categorias e em todas as fases de seu desenvolvimento, segue conscientemente o interesse por uma organização racional da atividade humana: clarificar e legitimar esse interesse é a tarefa que ela confere a si própria. (1975, p. 164)

Assim, o trabalho pretende, por meio de um equilíbrio entre o conteúdo denso dos conceitos elaborados pelos frankfurtianos, aliado à linguagem audiovisual, ser uma introdução ao pensamento desta importante escola.

Metodologia e técnicas utilizadas

Para a criação e desenvolvimento do vídeo foi preciso, inicialmente, estar ciente da Teoria Crítica, o nosso objeto de estudo. Partindo de pesquisas e reflexões sobre o tema na disciplina Teorias da Comunicação, feitas pelos seis membros da equipe, cujo objetivo era compreender as concepções dos pensadores frankfurtianos, pensou-se nos melhores métodos de aplicação em um produto audiovisual. Reuniu-se todo o material

pesquisado para serem discutidos e analisados em grupo, por meio de reuniões que provocaram e possibilitaram reflexões, debates de opiniões e ideias e, principalmente, o amadurecimento e edificação coletiva da abordagem do tema proposto.

Procurando uma linguagem e metodologia aplicáveis às nossas necessidades e ao nosso objetivo, analisando os prós e contras de cada uma das propostas apresentadas, chegou-se a um ponto convergente que atenderia aos anseios do grupo: elaborar uma revista eletrônica com a apropriação da técnica de colagem que, segundo Renato Cohen, “seria a justaposição e colagem de imagens não originalmente próximas, obtidas através da seleção e picagem de imagens encontradas, ao acaso, em diversas fontes” (COHEN, 1989, p. 60). Partindo da premissa de que “elementos isolados têm um certo significado; quando em junção, ou mesmo em colisão, assumem uma terceira significação distinta das duas primeiras, que as engloba e supera” (COELHO, 1995, p. 50 apud VARGAS; SOUZA, 2011, p. 60), utilizamos referências imagéticas que exemplificam o que, no decorrer do programa, será abordado.

Trata-se de uma técnica de edição audiovisual bastante usada que consiste, de acordo com Vargas e Souza (2011, p. 57), basicamente em duas ações fundamentais: primeiramente, a fragmentação e, posteriormente, a junção desses fragmentos. Por meio dessa técnica, transformam-se imagens e objetos em composições com algum grau de figuração e com distintas orientações, possibilidades e significados. As imagens e vídeos utilizados foram obtidos em diversos canais do *YouTube* e no *Google Images*.

A gravação das cenas, assim como a criação das ilustrações e gravação dos offs, foram feitas por integrantes da equipe, utilizando, respectivamente, uma câmera fotográfica Nikon, modelo D5100; o programa de edição gráfica Corel Draw X5; e um aparelho celular Nokia, modelo 5530. Os áudios capturados foram editados no software Sony Vegas Pro 12. Em seguida, os arquivos foram exportados em MP4, um dos formatos compatíveis com o software de edição de vídeo Pro Show Video; sequenciadas todas as cenas, a trilha sonora foi selecionada e incluída, resultando no produto audiovisual.

Descrição do produto e processo

O programa “Esclarecimento” é um vídeo experimental no formato de revista eletrônica. Dividido em três blocos intercalados por dois intervalos, o programa apresenta quatro reportagens e uma entrevista com a professora Alda Cristina Costa, doutorada em Ciências Sociais e pesquisadora em Mídia, Política e Televisão, Sociedades Indígenas e Mídias Digitais. Com isso, o programa Esclarecimento transcodifica de forma didática alguns aspectos específicos da Teoria Crítica da Sociedade, conforme dito anteriormente.

A vinheta do programa é o surgimento da logomarca. Um *background* azul com a logomarca do programa ao fundo, é tomado por uma forte luz branca e, em seguida, surge o nome “Esclarecimento” (Figura 1). A lâmpada, na arte do programa, representa a influência do Iluminismo na produção de conceitos da Teoria Crítica e a construção simbólica da luz representando o potencial emancipatório do conhecimento, a liberdade e a reflexão crítica.



Figura 1: Vinheta de apresentação do programa Esclarecimento. O nome e a logomarca fazem alusões a conceitos da Teoria Crítica da Sociedade.

Fonte: Autores

Na transição entre o primeiro e o segundo bloco do programa, há a veiculação de um comercial da McDonald's (Figura 2). E entre o segundo e o terceiro bloco, o comercial veiculado é o de lançamento do novo Fusca (Figura 3). No programa Esclarecimento, os intervalos comerciais representam a onipresença da sociedade

industrial, que, de acordo com Adorno e Horkheimer, “instalou-se nos homens de uma vez por todas” (1985, p.119). Enquanto o programa divulga conhecimento sobre os mecanismos para a possível emancipação dos indivíduos, a propaganda entra como um meio de desviar a atenção dos espectadores para os atrativos do sistema capitalista, exemplificando assim como “o mundo inteiro é forçado pela Razão Instrumental a passar pelo filtro da Indústria cultural, os meios de comunicação e massa, a educação, o trabalho, o não trabalho, a vida particular” (PUCCI, 1994, p. 27).



Figura 2: Imagem do comercial da McDonald's, que, no contexto do programa Esclarecimento, aproveita o efeito provocado pela ênfase na palavra 'ignorante', para indicar a condição do indivíduo na indústria cultural.

Fonte: McDonald



Figura 3: Imagem do comercial da Volkswagen, apresentando o novo Fusca e exemplificando que apesar das novidades da nova versão do Fusca, mantêm-se formas similares, produtos com os mesmos esqueletos, tendo muito poucas mudanças.

Fonte: Volkswagen

O Esclarecimento é apresentado por um único indivíduo. A locação utilizada foi o espaço do Programa Pobreza e Meio Ambiente na Amazônia, o POEMA, localizado

na Universidade Federal do Pará. O local foi escolhido com o objetivo de mostrar um pouco das particularidades da UFPA e também por ser um ambiente tranquilo e aconchegante.

No primeiro bloco, há o surgimento da vinheta do programa e uma das falas do apresentador. Em seguida, é exibida a primeira reportagem, que aborda a presença da Razão Iluminista na Teoria Crítica. No segundo bloco, por meio de duas reportagens, o Esclarecimento continua e acrescenta aos raciocínios do bloco anterior, abordando a substituição, no capitalismo, da razão emancipatória pela razão instrumental e a parceria entre a indústria cultural e a razão instrumental no processo de manipulação do homem. Esse processo vai refletir em uma produção cultural, cujas marcas da racionalidade técnica se manifestam nos seguintes aspectos: “a estratificação dos produtos culturais, a sua estandardização, depreciação estética e representação falseada da cultura erudita e da cultura popular”. (COSTA, 1994, p. 181)

Já o terceiro bloco, segue apresentando uma reportagem a respeito dos impactos da Indústria cultural nos pensamentos e atitudes dos indivíduos, que, segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 125), são tão presos em corpo e alma, que sucumbem sem resistir ao que lhes oferece a Indústria cultural. Ou ainda, como diz Wolf sobre a dominação exercida por ela: “A influência da indústria cultural, em todas as suas manifestações, leva à alteração da própria individualidade de quem frui: ele é como o prisioneiro que cede à tortura e acaba confessando qualquer coisa, inclusive o que não cometeu” (2009, p. 78). E isso se dá por que:

A indústria cultural *vende* cultura. Para vendê-la, deve seduzir e agradar o consumidor. Para seduzi-lo e agradá-lo, não pode chocá-lo, provocá-lo, fazê-lo pensar, fazê-lo ter informações novas que o perturbem, mas deve devolver-lhe, com nova aparência, o que ele já sabe, já viu, já fez. (CHAUI, 2012, p. 363)

E o próprio consumo implica um processo de dominação, conforme afirma Adorno: “Diante dos caprichos teológicos das mercadorias, os consumidores se transformam em escravos dóceis; os que em setor algum se sujeitam a outros, neste setor [o do consumo] conseguem abdicar de sua vontade, deixando-se enganar completamente”. (1975, p. 182)

Concluindo a sequência lógica dos assuntos abordados nas reportagens anteriores, o terceiro bloco contém uma entrevista com a Prof.^a Dr.^a. Alda Cristina Costa, que comenta sobre as possibilidades reais de libertação das forças dominadoras do sistema capitalista, que, para os teóricos da Escola de Frankfurt não é tão fácil de se obter nos tempos da indústria cultural, pois

[...] o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada em si mesma. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 114).

Em virtude disso, apreende-se que o sistema que a Indústria Cultural implica não é apenas econômico/mercadológico, mas possui uma dimensão maior, que acarreta a legitimação ideológica do grupo dominante, detentor da técnica e da razão instrumental, que impõe sua ideologia e que a difunde por meio desse sistema. E a própria razão, que é identificada no iluminismo como um meio pelo qual o homem pode libertar do domínio intelectual e ideológico, passou a ser estritamente instrumental, traindo os propósitos do projeto iluminista, conforme segue:

O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantém como seu objeto um a relação tanto ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens nos seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. [...] Inicialmente a razão tinha sido parte integrante da razão iluminista mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias. (FREITAG, 1990, p. 35)

Com base nisso, pode-se presumir o quão imbricada a razão instrumental está em relação aos sistemas de produção intelectual e de conhecimento, às formas culturais e às formas de organização sócio-políticas da contemporaneidade. E, por isso, as discussões que se voltam para essas perspectivas de emancipação tendem a inferir de modo pessimista a esse respeito, sobretudo, pela cristalização de formas socioculturais elaboradas e difundidas com base na razão instrumentalizada.

Considerações finais

A Teoria Crítica se trata de um sistema filosófico complexo. Apresenta algumas lacunas e reticências que a fizeram alvo de muitas críticas dentro do âmbito acadêmico (PUCCI, 1994, p. 28-29). Mas, ainda assim, representou um importante legado para a produção de conhecimento filosófico-científico posterior a ela.

Apesar de tomar como bases conceitos provindos do movimento iluminista, a Teoria Crítica também o vai criticar, pois os teóricos afirmam que ele resultou em um projeto de dominação, do qual nunca esteve necessariamente desatrelado; não vão, no entanto, negar a contribuição das proposições desses filósofos para o pensamento da contemporaneidade, antes destacando aspectos que outrora previam um processo de ação e ingerência sobre a realidade.

O foco da Teoria Crítica não está em fornecer saídas exatas, respostas sólidas e fáceis aos problemas da dominação, da minoridade, da força exercida pela Indústria Cultural – o que revela, não uma deficiência conceitual, mas uma coerência, com o propósito da própria teoria e do Esclarecimento.

O trabalho procurou realizar uma explanação sobre esses aspectos, de uma maneira didática, realizando a divulgação científica e pondo em termos acessíveis o conhecimento da Teoria Crítica. A contribuição que ela ainda tem a dar à produção científica contemporânea é muito grande, pois se refere a processos que ainda ocorrem dentro da sociedade.

Assim, a teoria crítica “não é uma hipótese de trabalho qualquer que se mostra útil para o funcionamento do sistema dominante, mas sim um momento inseparável do esforço histórico de criar um mundo que satisfaça às necessidades e forças humanas. (HORKHEIMER, 1975, p. 164). Desse modo, a essa teoria, ao falar da necessidade de emancipação e da saída do homem de seu estado de minoridade, não fornece imediatas perspectivas para os alcançar, mas possui um orientação muito clara no que se refere a fazer o homem refletir sobre que papel de fato possui dentro da sociedade. É o esclarece Horkheimer (1975, loc. cit.), quando afirma que “a teoria crítica não almeja de forma alguma apenas a ampliação do saber, ela intenciona emancipar o homem de uma situação escravizadora”.

Referências

ADORNO, Theodor. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: **Os Pensadores**. Jünger Habermas, Max Horkheimer, Theodor Adorno e Walter Benjamim. Tradução Luiz João Baraúna. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. O conceito de esclarecimento. In: **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Max Horkheimer e Theodor Adorno. Tradução Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Max Horkheimer e Theodor Adorno. Tradução Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

CHAUÍ, Marilena. A cultura de massa e a indústria cultural. In: **Convite à Filosofia**. Marilena Chauí. 14. ed. São Paulo: Editora Ática. 2012.

COHEN, Renato. Da criação: livre-associação e collage como estrutura. In: **Performance como linguagem**: criação de um tempo-espaço de experimentação. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.

COSTA, Belarmino César G. da. Indústria cultural: análise crítica e suas possibilidades de revelar ou ocultar a realidade. In: **Teoria crítica e educação**: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Bruno Pucci et al. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUFISCAR, 1994.

FREITAG, Barbara. **O conteúdo programático da teoria crítica**. In: A teoria crítica: ontem e hoje. Barbara Freitag. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

HORKHEIMER, Max. Filosofia e teoria crítica. In: **Os Pensadores**. Jünger Habermas, Max Horkheimer, Theodor Adorno e Walter Benjamim. Tradução Edgar Alfonso Malagodi e Ronaldo Pereira Cunha. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta**: que é “Esclarecimento”? In: Textos Seletos. Immanuel Kant. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MACEDO, Tarcízio *et all*. Comunicação para a Cidadania e Popularização da Ciência: os desafios da Divulgação Científica e da Extensão Universitária. In: **Prêmio Jovem Extensionista - Jornada de Extensão 2014: Direitos Humanos & Tecnologia**. Belém: Pró-Reitoria de Extensão/UFGA, 2014. p. 9-13. (Coletânea).

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **Indústria cultural, ideologia e poder**: a teoria crítica. In: Histórias das Teorias da Comunicação. Armand Mattelart e Michèle Mattelart. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

PUCCI, Bruno (Org.). **Teoria crítica e educação.** In: Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Bruno Pucci et al. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUFISCAR, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O paradigma emergente; Todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum.** In: Um Discurso sobre as Ciências. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Luciano; VARGAS, Herom. **A colagem como processo criativo:** da arte moderna ao *motion graphics* nos produtos midiáticos audiovisuais. In: Revista Comunicação Midiática, 2011. Disponível em: <<http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidiatica/article/viewFile/133/83>>. Acesso em 21 mar. 2013.

WOLF, Mauro. **Contextos e paradigmas na pesquisa sobre os meios de comunicação de massa.** In: Teorias das comunicações de massa. Tradução de Karina Jannini. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.